

TRABALHANDO COM A ORALIDADE EM SALA DE AULA SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA.

DOUGLAS ERALDO DOS SANTOS¹; PAULO RICARDO SILVEIRA BORGES²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – douglasxv@yahoo.com.br*

²*Paulo Ricardo Silveira Borges – paulorsborges@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar com a comunidade acadêmica os resultados da aplicação do projeto de intervenção comunitária “De Homero ao Youtube: uma abordagem da oralidade em sala de aula sob uma perspectiva sociolinguística”, realizado no segundo semestre de 2016 junto à Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Pedro Osório, no município de Pelotas – RS. A aplicação do respectivo projeto deu-se em 06 (seis) encontros semanais de 02 (duas) horas-aula, na turma 72, do sétimo ano do ensino fundamental da respectiva escola.

Para a aplicação do presente projeto utilizou-se, dentre outras referências teóricas, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, MEC/SEF (1998) nos quais consta que:

o trabalho com linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas: seminários, dramatização de textos teatrais, simulação de programas de rádio e televisão, de discursos políticos e de outros usos públicos da língua oral. Só em atividades desse tipo é possível dar sentido e função ao trabalho com aspectos como entonação, dicção, gesto e postura que, no caso da linguagem oral, têm papel complementar para conferir sentido aos textos.

Nesse sentido, ainda levou-se em conta a referência de BENTES (2010) de que:

deve-se não apenas dar oportunidade aos alunos de observarem e de analisarem determinadas práticas orais, como também deve fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela.

Por conseguinte, vale ressaltar ainda que as atividades executadas foram permeadas pela teoria variacionista de William Labov. Além disso, trazendo para nosso espectro local, podemos citar ainda ILARI e BASSO (2011) os quais afirmam que “as línguas nunca são uniformes e, com um pouco de disposição para observar, cada um de nós pode perceber ao seu redor várias marcas de como o português do Brasil está mudando de geração para geração”. Soma-se, também, nessa perspectiva o trabalho de BAGNO (1999) e suas “Dez Cisões Para Um Ensino Não (Ou Menos) Preconceituoso” destacando aqui a necessidade de “respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano”. Faz-se necessário, portanto, reafirmar ainda o que diz BAGNO (1999):

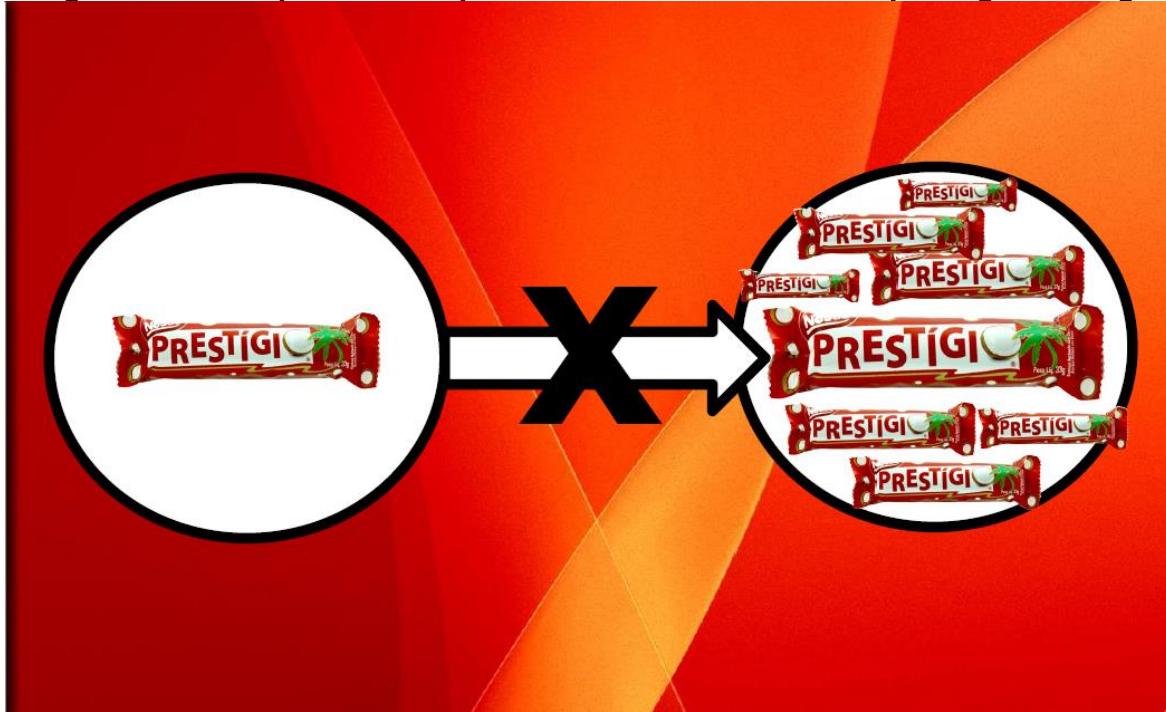
a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos
Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda

nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos (...) ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo.

2. METODOLOGIA

Apresentados alguns dos referenciais teóricos do trabalho, quanto à metodologia, às atividades deram-se por aulas marcadas pela diversidade metodológica, sendo que nos 06 (seis) encontros realizados utilizou-se de aulas expositivas e dialogadas, dos encontros para contação de histórias, e dos seminários com atividades práticas de uso dos diversos gêneros orais (formais e informais). Para tanto, conforme o próprio título sugere, foram utilizados diversos recursos de apoio às atividades como a exibição de vídeos, reportagens e *slides*, de modo que todos os encontros foram bastante dinâmicos. Ademais, concomitantemente, buscou-se aproximar dos estudantes importantes conceitos como o de variação linguística, norma culta e popular, adequação, maior e menor prestígio, preconceito linguístico, etc. Todavia, para o êxito das atividades, teve-se cuidado de buscar importantes auxílios para a transposição didática de modo a facilitar a compreensão dos conceitos expostos, como o exemplo da figura abaixo abordando a noção de maior e menor prestígio da língua:

Imagen 1: Slide apresentado para discutir maior e menor prestígio da língua



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das questões que mais chamou a atenção durante a execução do projeto foi a dissociação feita pelos estudantes entre língua e o ensino da

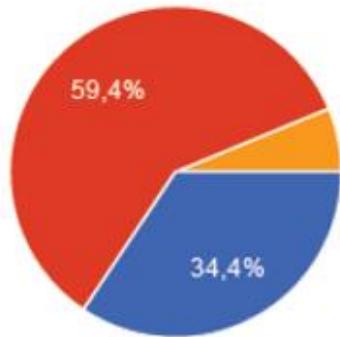
disciplina de português na escola. Quando questionados qual a razão de estudar português na escola, entre os que responderam, foi praticamente unânime a resposta: “para aprender a falar a língua”. Diante os avanços dos estudos da sociolinguística, tal percepção revelada pelos estudantes entre 12 e 16 anos, certamente justificaria o presente projeto e tem de ser tema de preocupação dos professores e da escola. Creio necessária esta citação justamente para demonstrar o ponto de partida das respectivas atividades e contrastar com os resultados revelados *a posteriori*, por meio de um processo avaliativo que buscou observar a apreensão e compreensão das discussões realizadas durante os encontros. Contudo, antes de apresentar alguns destes resultados, cumpre informar que estes fazem parte de um relato mais amplo, e que pelo caráter de resumo deste texto, não seria possível trazer aqui todas as discussões e os resultados do respectivo projeto. Nesse sentido, vejamos, por exemplo, o resultado de avaliação feita ao final do projeto a uma pergunta que buscou analizar questões relacionadas ao preconceito linguístico:

Pergunta: Dentro de um ônibus lotado Dona Cláudia diz para a amiga: “ - Craudete num guento mais trabaíá di sol a sol. A Dona Creuza tá tirano meu côro.” Ao ouvirem a conversa, outros passageiros do ônibus começam a fazer piadas e rir de Cláudia.

Conforme veremos no gráfico abaixo, cerca de 30% do grupo (questionário foi aplicado a 32 estudantes) tem ainda muito fixado a noção erro, geralmente relacionada a décadas de ensino gramatical normativo, contudo, não deixou de surpreender a grande quantidade de estudantes a se apropriarem da noção de prestígio (ou não) de determinados falares:

Gráfico 1: Respostas averiguadas em avaliação com a turma.

a) Dona Cláudia falar errado.	11	34.4%
b) Dona Cláudia usar uma fala de menor prestígio da língua;	19	59.4%
c) Dona Cláudia usar uma fala de grande prestígio da língua.	2	6.3%
d) Dona Cláudia ser engraçada.	0	0%



Se, no que diz respeito à presença da noção de erro entre os estudantes, revelou-se ainda presente e com dados significativos, o conceito de variação linguística, pelo menos, neste trabalho, revelou-se apropriado pelos estudantes. Quando questionados, a partir das discussões e reflexões ao longo do projeto de ensino, sobre a língua que falamos, poderíamos dizer que: dentre as 04 (quatro) opções de escolha, 96,9% deles optaram por “a língua sofre diferentes formas de

variação, como a fala do gaúcho, a fala nordestina etc.” Revelando que a ampla maioria compreendeu as características variacionais da língua, e quais as aproximações do conceito lhes são mais familiar.

Além disso, para acompanhar a evolução das discussões realizadas, não somente questões de múltipla escolha foram propostas aos estudantes, sendo que parte do processo avaliativo ocorreu por meio de seminários em que divididos em grupos, diferentes gêneros orais foram apresentados pela turma por meio de seminários. Ademais, em uma questão discursiva foi-lhes pedido que escrevessem o que seria oralidade em suas respectivas concepções, sendo que abaixo compartilho uma das respostas que contrasta com a percepção aqui citada durante o primeiro encontro das atividades:

Oralidade é quando usamos a língua para a comunicação, para mim é extremamente importante, uso para todas as situações, e as vezes nem percebo, está presente na fala e “tals”... Na escola as crianças já chegam sabendo falar e se comunicar de alguma forma, com seu modo próprio de falar, a escola *somenti* te ajuda, a aperfeiçoar, te ensina a falar de uma maneira mais culta, para situações mais sérias. (SINOTTI, Bárbara, 2016)

4. CONCLUSÕES

Neste resumo tentou-se abranger as principais situações desenvolvidas e presenciadas durante o respectivo projeto, cabendo ao seu final ressaltar a ótima recepção, tanto da escola, quanto dos alunos, às atividades. Estes, aliás, ao longo dos encontros realizados mostraram-se participativos e empolgados com os encontros semanais de tal modo que as atividades realizadas ao longo do projeto desenvolveram-se com grande sinergia, e puderam propiciar uma discussão relevante e apresentar-lhes novas visões a respeito da língua portuguesa. Por conseguinte, os resultados da abordagem apontam para a necessidade, a relevância e a possibilidade de realizar o ensino da língua materna sob uma perspectiva da sociolinguística, especialmente porque esta abordagem, dentre outras questões, colabora para a compreensão e o rompimento de certos paradigmas, bem como possibilita melhor compreensão por parte dos estudantes de algo que, embora não lhes pareça, eles já chegam à escola sabendo: usar a língua materna.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. **O Português da Gente**, São Paulo, Editora Contexto: 2011.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar: rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola** . Cap. 6. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.